
MEMÓRIA, TRADIÇÃO E DISCURSO PRECEPTIVO: SOBRE A RECEPÇÃO DA *POÉTICA* DE ARISTÓTELES NO SÉCULO XVI⁶³

Halysson F. Dias Santos*
(UESB)

Marcello Moreira*
(UESB)

RESUMO:

O estudo que ora se apresenta tem como objetivo discutir as relações entre a memória, o esquecimento e a constituição de uma tradição específica, a saber, a tradição preceptiva de matriz aristotélica. Nesse primeiro momento, tem-se em vista historiar a recepção da *Poética* de Aristóteles a partir do final do século XV e seus desdobramentos.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles, Memória, Tradição

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se apresentar os primeiros resultados de pesquisa de doutorado sobre as relações entre memória, tradição e discurso preceptivo que vem sendo desenvolvida no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade,

⁶³ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Memória e práticas letradas no império português: séculos XV-XIX” e à linha de pesquisa Memória, Discursos e Narrativas do Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB), coordenado pelo Prof. Dr. Marcello Moreira.

* Especialista em Teoria e História Literária (DELL/UESB). Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB). Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB).

* Doutor em Literatura Brasileira (USP), professor titular de Literatura Brasileira (DELL/PPGLMS/UESB).

pesquisa esta que está vinculada à linha de pesquisa em Memória, Discursos e Narrativas e ao projeto de pesquisa “Memória e práticas letradas no império português: séculos XV-XIX”, coordenado pelo Prof. Dr. Marcello Moreira.

Objetiva-se com esse estudo introduzir uma discussão sobre as relações entre a memória, o esquecimento e a constituição de uma tradição específica, no caso a tradição preceptiva de matriz aristotélica, tomando como exemplo a recepção da *Poética* de Aristóteles a partir do final do século XV e os seus desdobramentos, entre eles a intensa produção de preceptivas poéticas de matriz aristotélica. Pretende-se ainda compreender a importância da tradução, do comentário e do exercício da paráfrase na cultura escrita do século XVI, avaliando inclusive o impacto dessas práticas letradas nas apropriações posteriores das doutrinas aristotélicas sobre a poesia na preceptiva poética dos séculos XVI, XVII e XVIII. Nesse primeiro momento, porém, tem-se em vista historiar a recepção da *Poética* de Aristóteles a partir do final do século XV e seus desdobramentos.

Uma das principais preocupações dos homens de letras do século XVI foi sem dúvida a de conhecer e expor as doutrinas da *Poética* de Aristóteles, o que se deu também no que diz respeito à *Retórica*, o que se patenteia pela grande quantidade de traduções, paráfrases e comentários produzidos desde o final do *Quattrocento* com base nesses dois textos do filósofo grego. Em 1498, Georgius Valla publica *Aristotelis Ars Poetica G. V. interprete*, sua tradução latina da *Poética* de Aristóteles, a primeira feita a partir do grego (WEINBERG, 1953, p. 97). Essa tradução, que veio a público em Veneza, representa um importante marco na história da recepção do texto da *Poética* no Ocidente. Após séculos, as ideias de Aristóteles sobre a *mimesis* passam de um quase completo olvido ao lugar de grande destaque na cultura Ocidental. A tradução de Valla inicia uma tradição que se perpetuaria por quase três séculos. Outra publicação que merece o status de marco decisivo

de inauguração dessa *traditio* se deu uma década depois. A publicação do texto grego da *Poética* por Aldo Manuzio.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo da recepção da *Poética* dar-se-á mediante: a) levantamento das principais traduções, comentários e paráfrases da *Poética* de Aristóteles produzidas desde o final do século XV; b) seleção das obras que constituirão o *corpus*. A abordagem escolhida é histórica e textual. Buscar-se-á a princípio apresentar um percurso cronológico da recepção da *Poética* de Aristóteles desde a publicação da tradução latina de Valla⁶⁴ para em seguida avaliar o impacto da primeira recepção do texto, por meio de traduções, paráfrases e comentários sobre a produção de preceptivas poéticas.

Nesse estudo, será necessário dividir o *corpus* em duas categorias: de um lado, as traduções, paráfrases e comentários da *Poética* de Aristóteles e, do outro, os tratados de arte poética. Evidentemente, dada a grande quantidade de obras, é preciso definir um *corpus* que conte com as mais importantes dentre elas. Entre as traduções, comentários e paráfrases de Aristóteles optou-se por trabalhar com: Valla (1498), Paccius (1536), Fracastoro (1540), Rhentius (1569), Robortello (1548), Maggi (1550), Vettori (1560) Castelvetro (1570; 1576), Piccolomini (1575), Riccobonus (1579), Salviati (1586), Beni (1613), Mártir Rizo (1623), González de Salas (1633), Manuel Pires de Almeida (1640). Já entre as preceptivas poéticas destacam-se: a *Arte Poetica*, de Trissino (1529), a *Arte poetica toscana*, de Antonio Minturno (1563), *Poetices libri septem*, de Scaligero (1561), *De poética libri tres*, de Viperano (1579) os *Discorsi dell'arte poetica, e in particolare sopra il poema eroico*, de Tasso (1596), a *Philosophia Antigua Poetica*, de López Pinciano (1596), a *Arte*

⁶⁴ Houve outras traduções anteriores do tratado de Aristóteles, a de Poliziano (1489), por exemplo, mas a de Valla é considerada a mais importante e influente tradução latina da *Poética*.

poetica, e da pintura, e symmetria, com princípios da perspeciva, de Filipe Nunes (1615), as *Tablas Poéticas*, de Francisco de Cascales (1617), *La poetica ó Reglas de la Poesia en Geral y de sus principales espécies*, de Ignacio de Luzán (1737), a *Arte Poética ou Regras da verdadeira poesia em geral*, de Francisco Joseph Freire (1759), os *Discursi del poema eroico*, de Torquato Tasso (1594), o *Discurso do poema heróico*, de Manuel Pires de Almeida⁶⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É provável que a *Poética* de Aristóteles não tenha sido muito difundida em Roma. Segundo Spina (1995, p. 47), até mesmo Horácio, “cuja *Ars Poética* é visivelmente inspirada na do filósofo grego, não demonstra haver conhecido diretamente a *Poética* de Aristóteles, mas através de um peripatético do séc. III, o gramático de Paros, Neoptólemo”. Com o tempo, “a influência direta de Platão e Aristóteles vai-se fazendo sentir cada vez com menos destaque, para ganhar força o cânon latino, em grande parte assentado na imitação dos *auctores*” (MONGELLI; VIEIRA, 2003, p. 24).

No período que posteriormente passou a ser denominado Idade Média, “copiar, ler, reescrever, imitar, comentar” autores latinos são atividades centrais na educação (ZINK, 2006, p. 82). Com isso, a *Epistola ad Pisones* passa a ter um lugar central no que concerne à preceituação poética. Horácio, ao lado de Virgílio e Ovídio, foi conhecido e bastante reverenciado nesse período. Horácio terá lugar de destaque entre as *auctoritates*. É um dos autores didáticos. Figura entre os 21 autores mencionados por Conrado de Hirsau, em documento da primeira metade do século XII, como também na lista de autores presente na *Laborintus*, de Eberhard de Béthune, composta entre 1212

⁶⁵ É provável que tenha sido escrito entre os anos de 1630 e 1640, sendo, portanto, incluído no conjunto dos demais escritos de Pires de Almeida sobre a épica, os quais foram escritos nesse período.

e 1280, a qual conta com 37 *auctores* (CURTIUS, 1996, p. 86-87). Nestes dois elencos, Aristóteles não é mencionado. Horácio tem importância capital na *Poetria Nova*, de Geoffrey de Vinsauf (escrita provavelmente entre 1208 e 1213), pois esta é escrita como uma “versão atualizada” da *Poetria vetus*, ou seja, da *Epistola ad Pisones* (MONGELLI; VIEIRA, 2003, p. 79; HARDISON; GOLDEN, 1995, p. XV,, p. 149). Na *Arte de poesia castelhana*, de Juan de La Encina, impressa, no século XV, no *Cancionero de las obras de Juan del Enzina* (1496), não há sequer alusão à *Poética* de Aristóteles. Horácio, por seu turno, é citado juntamente com Cícero, Virgílio, Catão, Quintiliano, Boécio e Santo Agostinho, entre outros. Como nos informa Brandão (2005, p. 2), na Idade Média, a *Poética* foi “mal conhecida por meio de compilações siríacas e árabes”. Da tradução para o siríaco no século VI, da qual resta apenas um ínfimo fragmento, a *Poética* foi vertida para o árabe no século XI, provavelmente por Abu Bishr Matta. Se as ideias de Platão sobre a poesia foram largamente conhecidas desde a Antiguidade, “o livro de Aristóteles aparece citado três ou quatro vezes no intervalo de seis séculos” (SPINA, 1995, p. 47).

Não obstante ter sido comentada por Averróes, comentário que, inclusive, circulou em uma versão latina de 1256, e traduzida por Guilherme Moerbecke em 1278 (VIEIRA; MONGELLI, 2003, p. 107), a *Poética* só estaria em evidência a partir do século XVI. Em 1498, é publicada a *Aristotelis Ars Poetica G.V. interprete*, de Georgius Valla (SPINA, 1995, p. 47-48). Depois da tradução de Valla e da primeira publicação do texto grego por Aldo Manuzio (1508), a *Poética* passa, pelas muitas traduções para idiomas vulgares, bem como pelos comentários de Vida, Robortello, Trissino, Castelvetro, Vettori, Maggi, Scaligero, entre outros, a alimentar a preceptiva poética da época, como também aquela que será produzida nos dois séculos seguintes.

Com o seu ressurgimento, a *Poética* de Aristóteles passará a ter primazia em relação à *Epistola ad Pisones*, embora essa última se

mantenha como um dos textos mais lidos e traduzidos entre os séculos XVI e XVIII, mais de 50 edições dos escritos de Horácio podem ser contadas nesse período (HARDISON; GOLDEN, 1995, p. XV). É certo, porém, que, do esquecimento em que permaneceu durante séculos, a *Poética* é constituída, a partir do século XVI, o referencial primeiro para a definição e preceituação dos gêneros poéticos. Nasce, desde modo, uma tradição preceptiva que perduraria até o século XVIII (BERRIO; FERNANDES, 1999; BERRIO, 2006). Nas palavras de Adma Muhana (1997, p. 21),

A existência da *Poética* impõe para o século XVI o reconhecimento de que, para além dos recursos retóricos (comuns aos discursos históricos, epistolares e panegíricos), a poesia dispõe de uma identidade que regula e autoriza o discernimento entre um poema perfeito e outro imperfeito. A questão que o ressurgimento da *Poética* de Aristóteles coloca para o Quinhentismo é a do aparecimento de uma preceptiva acerca da poesia, que, no trívio medieval, não detinha lugar próprio, oscilando entre os campos da gramática e da retórica.

Como consequência, “os preceptistas quinhentistas adotam plenamente a classificação aristotélica – tragédia, épica, comédia”. Assim, no final do Quinhentos, tendo sido adotada “uma procedência genérica em vez de cronológica, para o exame e juízo das obras poéticas” (MUHANA, 1997, p. 23-27). A partir de então, a tradição poética “será a do rigor preceptístico”. Entre o século XVI, época dos primeiros comentaristas de Aristóteles, e as artes poéticas produzidas no século XVIII, prevalecerá “o tom preceptístico a que o tratamento dos gêneros se associava” (COSTA LIMA, 2002, p. 260).

CONCLUSÕES

De um olvido que durou séculos, a *Poética* de Aristóteles passa a ser um dos textos mais traduzidos, parafraseados e comentados no Ocidente. Sua recepção a partir do final do século XV foi responsável por uma crescente produção de tratados de arte poética fundamentados em suas doutrinas, suscitando vários debates nos séculos seguintes. O estudo dessa recepção permite discutir as relações entre memória, esquecimento e a constituição de tradições. Nesse primeiro momento, que corresponde aos resultados parcialmente apresentados nesse trabalho, a intenção foi a de expor em linhas gerais como se deu a primeira recepção do texto da *Poética* de Aristóteles. Como ponto de partida para uma análise textual mais acurada do *corpus*, temos realizado o levantamento das principais traduções, paráfrase, anotações e comentários da *Poética* que foram feitos entre o final do século XV e o início do século XVII.

REFERÊNCIAS

- BERRIO, Antonio García. **Introducción a la poética clasicista**. Comentario a las “Tablas Poéticas” de Cascales. Madrid: Cátedra, 2006.
- BERRIO, Antonio García; FERNÁNDEZ, Teresa Hernandez. **Poética: Tradição e modernidade**. São Paulo: Littera Mundi, 1999.
- COSTA LIMA, Luiz. “A questão dos gêneros”. In: _____. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

HARDISON JR, O. B.; GOLDEN, Leon (Org.). **Horace for Students of Literature:** The "Ars Poetica" and Its Tradition. Gainesville, FL: University Press of Florida, 1995.

MONGELLI, Lênia Márcia; VIEIRA, Yara Frateschi (Org.). **A estética medieval.** Cotia/SP: Íbis, 2003.

MUHANA, Adma. **A Epopéia em Prosa Seiscentista:** uma definição de gênero. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

SCHRIER, Omert J. (Comp.). **The Poetics of Aristotle and the Tractatus Coislinianus:** A Bibliography from About 900 Till 1996. Leiden; Boston; Köln: Brill Academic Pub, 1998.

SPINA, Segismundo. **Introdução à poética clássica.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WEINBERG, Bernard. From Aristotle to pseudo-Aristotle. In: **Comparative Literature.** Duke University Press/University of Oregon Stable. Vol. 5, n. 2, Spring, 1953, p. 97-104. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1769182>. Acesso: 01/03/2012

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, J.; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário temático do ocidente medieval.** São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 2.